

FLY0010**Carta familiar entre marido e mulher. De Peniche para [Lisboa].****Data**

14/04/1971

Referência Arquivística

N.A.

Arquivo Privado, Arquivo Privado, FLY0010, Fólios [1]r-v

Resumo

O autor, a propósito de um problema de saúde de uma das suas filhas, desenrola uma série de reflexões filosóficas sobre a condição humana. Cita várias vezes Fernando Pessoa. Com o seu discurso, espera convencer a destinatária a mudar atitudes preconceituosas na sua conduta diária.

Local

Peniche

Cartas relacionadas

FLY0002 FLY0008 FLY0011 FLY1039 FLY1040 FLY1041 FLY1042 FLY1067 FLY1116 FLY2024
FLY2025 FLY2026 FLY2027 FLY2069 FLY2071 FLY2074 FLY2076 FLY2077 FLY2078 FLY2438
FLY2600

Texto**Fl. [1]r**

Peniche,

14. Abril. 1971

[N]:

Tenho continuado à espera que me digas qualquer coisa da nossa [N]. O perigo de séria infecção nos rins é real: a análise não devia ter sido retardada. Um acidente, sempre possível, teria ainda remédio? Que nos diríamos, que te dirias, [N]? Avisa-me quando a [N] chegar; abandona as ideias retrógradas de que "cuidados a mais, até na higiene (!?!), fazem mal".

Manda-as acompanhadas para o colégio. O desenho da [N] apareceu num livro. Compra-lhe, peço-te, o tal macaco que pede. São tão pequeninas, tão minhas!

Enviei-te na 2a. feira uma encomenda com o livro do F. Pessoa: acusa a recepção. O saco que tinha o tal casaco de malha é da CRISEL, Rua Ferreira da Silva, 10-A (junto ao cinema Império). Agradeço-te todos os mimos que trouxeste, todos muito bons. Meu Pai fala-me na tua carta: obrigado também.

Como te correu, [N], esta Páscoa de 71? Escreve-me, diz-me que bem! Todos os paralelismos são quase sempre superficiais, extrínsecos; e, no entanto, sugestionam-nos, por vezes até ao excessivo. A mim, correu-me bem; falando muitas vezes contigo (é difícil falar sozinho), remoendo frases, fugindo a imagens. E, no entanto, desapiedadamente justo comigo mesmo; contente por isso, contente porque certo e despido de mim. Sem "mas" nenhum. Como uma coisa que se sabe há muito segura; coerente também c. situações.

Há meses que ando a ler uma história universal mediocre, em 20 volumes. (Vê lá tu! Ainda me sucede, como ao personagem do Eça, dizer depois "escapou-se-me tudo").

Ao longo de páginas e páginas, vão sendo engolidas gerações e gerações. (cartas quase iguais às que hoje se cruzam, foram já escritas. Transcreve a tradução d uma, gravada em placas de argila há não sei quantos milhares de anos: um homem escreve a uma mulher perguntando-lhe d um filho, dos parentes,

falando-lhe do seu amor, dos seus projectos e das suas preocupações. Montanhas anónimas de pó! Para quê? Às vezes, estremeço e caio no Pessoa: "Sempre uma coisa defronte da outra / Sempre uma coisa tão inútil como a outra / Sempre o impossível tão estúpido como o real/ Sempre o mistério do fundo tão certo como sono de mistério da superfície / Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra!"

Mas não é exacto: não foram pó que ao pó regressou; não foram nada acumulando-se sobre coisa nenhuma. Tudo isto, até estes versos de Pessoa, até estas palavras, até esta inquietação angustiada, até estas grades, criaram e acumularam. Estão aqui connosco, todos, neste nosso mundo e em nós. Lembro uma frase que citaste sobre as tendências "naturais" do homem. (Lê o livro para te dares conta do quanto se pode adular). É do século XVIII essa óptica de que a "civilização" afasta o homem do que lhe é natural! Pura idealização a substituir uma outra mística! A história do homem não é senão a história natural d uma espécie animal: a espécie humana. Bicho sui generis, a sua história é complexa, mais rápida, [multiforme], sujeita a leis também específicas. Mas ainda e sempre uma história "natural": que outra coisa poderia ser? Dito d outra forma, a natureza do homem constrói-se num processo histórico; não é qualquer coisa de fixo, transcendente: é o que historicamente vai sendo. É tolo – e é mau – reduzir a natureza do homem à bestialidade primitiva: ao viver em hordas, à meia dúzia de gritos guturais, à promiscuidade, à ainda animalidade do comer, do habitar, do sentir, do amar, do pensar. Natural também não se confunde com instintivo: negaríamos a realidade palpável do que melhor construímos e somos – ou podemos ser. À tua pseudo-citação "contraponho esta: "é numa fase adiantada da história do homem que se desenvolve e se produz pela primeira vez a riqueza sensorial "humana", o ouvido musical, a vista sensível à beleza formal, em suma, os sentidos capazes de gozos já "humanos". O homem constrói-se a si-próprio humano" Outras citações ainda mais explícitas eram possíveis. O erro é empobrecer a natureza humana fixando-a num certo homem d uma dada época histórica. O crime é cobrir com o manto do "natural" (logo inevitável, logo bom) intuídos ou sensibilibidades ou erros ou características grosseiras e mesquinhas – quantas vezes, afinal, apenas a própria imagem; ou, dito d outro modo, mascarar de "natural" o que é já rejeitado pelo próprio homem, o que é já hoje historicamente desumano. Abre-se o caminho ao que se quer e a tudo...

Em quase todas as épocas, grupos de homens buscam para a vida um sentido alheio ao facto essencial de pertecerem à espécie humana – ao que chamamos humanidade. E encontram-se sós, angustiados perante a morte. Alguns; atiram-se à conquista cega d uma felicidade a curto prazo, agora e aqui, porque a morte é imprevisivelmente certa. Foge-lhes a juventude, fogem-lhes os dias. Velhos, velhos, fazem constantemente as contas ao que ganharam ou perderam: e sempre se perdem por inteiro. Desenfreados

Fl. [1]v

brutalizados (com mais ou menos verniz supra-espíritual ou supra-sensível), afundam-se em qualquer ópio: no haxixe ou na sensualidade ou no vinho ou no jogo ou em qualquer coisa, mais ou menos idêntica. Tentam atafulhar em cada momento uma eternidade que lhes foge. Revelam por vezes a lucidez de quem sabe que apenas se atordoa, de quem sabe se um produto alienado e quase sem culpa d uma humanidade que se constrói dividida. "Cadáveres adiados que procriam" – ainda F. Pessoa. O fenómeno atinge, porém, expressões mais significativas e complexas em dados momentos históricos: na decadência grega ou romana, no século XVII da Inglaterra ou XVIII da França, etc: um pouco em toda a parte, quando esta história tumultuosa que fazemos põe em causa valores estabelecidos e simultaneamente aliena e destrói os laços dos homens com o humano; quase sempre, precisamente nas épocas de rotura em que, num outro polo, transparece um homem mais humano, se afirma mais rica e exemplar a construção da grandeza inequívoca do homem. Hoje, também e mais do que nunca: é o mundo marginal dos hippies, dos provos, dos blusões negros, e o resto – que, afinal, apenas condensam com maior virulência, com num abcesso, a desorientação de largos extractos. Mas as características são ainda idênticas: a desumanização, agora desenfreada, a solidão vazia vazia, o esgotamento, a loucura, o suicídio – físico ou não. Alienados no individualismo vazio, no gozo epidérmico, saltitantes e instáveis na busca do prazer fácil, acordam cada vez mais sós, mais mortos, mais condenados. Não é uma conclusão moralizante que formulo; é a constatação do logro, da total ineficácia para construir mesmo e sobretudo

uma qualquer felicidade pessoal, possível apesar de tudo. O homem só se recupera humano identificando-se com os objectivos naturais (historicamente naturais) da própria espécie: a ética humanista é válida porque é a única senda possível para essa identidade (contraditória, turtuosa e torturada, embora) do homem com a sua humanidade. Eu sei: só se vive uma vida. Individualmente é muito importante, mas não conduz a nada dar-lhe um qualquer significado [...]

imediatista, de superfície, de flor-da-pele. O encontro com a morte é irrelevante para pedaços de uma humanidade que essa sim se constrói e perdura. Que conseguimos e em que perduramos. Naturalmente humana, breve radicalmente humana.

Escrevo-te aos supetões porque estou de faxina. Não, com certeza, com palavras abertas, não medidas, como gostava de te escrever. Mas acredita que te escrevo como gostaria um dia de falar à [N] ou à [N], isento, convicto, rebuscando dizer-lhes qualquer coisa de muito importante para a sua própria vida. Não palavras para me esconder, não palavras para cobrir fraquezas ou erros ou qualquer outra coisa. Palavras esforçadas para comunicar com exactidão o que aprendi neste "trânsito mortal". Porque contraditório, complexo, com isto ou com aquilo, tal como sou - não faço contas. Há meses, falando da tua Irmã, pedia-te que lhe disseses que há vinte anos estávamos certos. É da minha geração, talvez melhor do que tu apreenda o que quero dizer. Não, de modo algum, linearmente, não como se pode idealizar em fábulas cor-de-rosa ou infantilmente. Nada disso. Também com fundos traumatismos, também com decepções radicais, apesar disto e daquilo e daqueloutro e um pouco de mim próprio. Mas porque, nestas condições, neste tumulto todo, agora, o meu lugar certo é aqui.

Este papel tem limite. Tenho pensado por demais na [N] e na [N]. Escrever-te-ei no sábado mais longamente. Tenho que ser muito compreensivo, mas muito realista. Tenho que combater este meu optimismo, afinal ingénuo, sobre as pessoas e as situações. Há um mínimo, [N], que tenho de agarrar. Não podes, [N], não podes deixar de te manter fiel ao que sempre nos juramos sobre as miudas. Não há análises, apreciações, situações que o alterem. Não endeuses pessoas (como varias!) nem louvaminhes situações ou a ti-própria. Tens também tu que te libertar dum egoísmo fechado, do que seria uma insensibilidade. Tens de compreender os outros. De compreender e sentir também. Tu, pela tua própria cabeça, porque és tu quem viveu tudo. Estou a falar-te da [N], da [N], de mim, da [N] de ti, da [N], da [N], de meus Pais, etc - de pessoas como tu vivas. Pensa. Ambos temos que ser capazes de desatar este nó górdio. Temos, [N]!

Queria ainda insistir em que escrevas como "deves" a este homem que está preso. Queria perguntar-te da tua saúde, do teu emprego (impossível, afinal, há uns dez anos), da tua Irmã, da tua Mãe, do que tens feito. E do resultado da análise da [N]. Escreve!

Abraços para tuas Mãe e Irmã. Milhões de beijos e de ternuras acumuladas nestes dois anos para as nossas filhas.

Beijo-te

[N]

P.S.

Fl. [1]r

P.S - Por causa duns livros, recipientes, etc - peço-te que me digas com antecedência quando cá virás. Diz-me também se é teu um saco de pegas, castanho, tipo mala: é que não se sabe de quem é.

[N]

Contexto

prisão

Palavras Chave

Tipo: pedido

História: prisão

Sociologia: família, saúde, cultura

Normas de Transcrição

Transcrição quasi-paleográfica, normalizando-se apenas a fronteira de palavra. As conjeturas do editor surgem entre parênteses retos e as leituras difíceis foram assinaladas com contraste de cor. As formas emendadas nos originais manuscritos estão rasuradas com um traço sobreposto, enquanto as formas acrescentadas nos mesmos originais se transcreveram na entrelinha superior. Com o intuito de salvaguardar dados privados, as ocorrências de nomes de pessoa surgem substituídas pela letra [N], as de nome de lugar, pela letra [L] e as de outros dados, pela letra [D]. Finalmente, as cartas de acesso restrito têm reticências entre parênteses retos a assinalar texto suprimido.

Suporte Material

Suporte: uma folha de papel de carta pautado de 25 linhas escrita em ambas as faces; carimbo da Cadeia do Forte de Peniche.

Medidas: 275mm × 211mm

Mancha Gráfica: sem linhas em branco entre a fórmula de endereço e o início do texto.

Créditos

Transcrição: Ana Guilherme

Revisão: Mariana Gomes

Codificação DALF: Ana Guilherme

Contextualização: Ángel Rodríguez Gallardo

Discorda da nossa leitura? Por favor escreva-nos: cardsclul@gmail.com